A REPÚBLICA JAMAIS FOI PROCLAMADA

I

WICAR PARENTE DE PAULA PESSOA

Desde a publicação do livro **Deodoro,** de autoria do acadêmico R. Magalhães, vêm sendo discutidas as ocorrências do dia 15 de Novembro de 1889.

Pensam alguns que, de fato, Deodoro, na manhã dêsse dia, proclamara a República; outros, porém, mais de acôrdo com a verdade histórica, julgam que, êle, apenas, derrubara o Gabinete Ouro Prêto e que, sòmente à noite, diante da inércia e da apatia do Velho Imperador, aceitara o nôvo regímen e dêle se fizera chefe, seguindo o conselho do manhoso D. João VI, ao seu filho Pedro.

A revista **Enciclopédia,** de junho p.p., publicou dois artigos sôbre êsse assunto: um de R. Magalhães e outro do professor Lauriston Gomes Pereira.

Para o primeiro, sem o marechal Deodoro, a República não teria sido proclamada em 1889 e, para o outro, "Deodoro aceitou a República que lhe foi imposta".

Sou conhecedor, por fontes fidedignas, de algumas particularidades atinentes à sublevação do amanhecer de 15 de Novembro de 1889 e à implantação da República, na noite dêsse dia.

O desejo de ser Doutor, como foram o meu pai e todos os meus tios, fêz um cearense poder ser testemunha informante sôbre a queda do Império.

Menino, fui estudar no Rio, terra natal da minha avó paterna e onde residiam os componentes da sua família, médicos, advogados, engenheiros, almirantes etc. integrantes do meio culto local.

A convivência com êles me fêz conhecedor de minúcias sôbre a vida político-social da Côrte, na década de 1880 — 1890.

O Campo de Santana e cercanias era conhecido como a "Cidade Nova", onde residiam famílias do melhor gabarito social.

Recém-chegado de Mato Grosso, o marechal Deodoro foi morar no andar superior de um sobrado, ainda existente na atual Praça da República, prédio onde residira o seu bisavô comendador Miranda e que então pertencia à minha avó paterna e ao meu tio médico, Dr. João Pedro Miranda, casado com D. Leonarda Barroso de Miranda que, posteriormente, foi proprietária exclusiva do histórico imóvel, desapropriado, em janeiro de 1905, por 58 contos, como consta das notas do antigo Cartório Fonseca Hermes.

Na parte térrea do sobrado, residia a minha tia D. Rosa Miranda, viúva, e os seus cinco filhos, figurando entre êles Ortência, Julieta e Orminda que adquiriram notável cultura intelectual, havendo eu, por intermédio delas, conhecido Bilac, Alcindo, Pereguino, Medeiros e Albuquerque e outros luminares das pátrias letras.

Os valvéns da sorte me fizeram, em 1919, aspirante a oficial do Exército. Promovido a 2.º tenente, fui servir no 5.º Batalhão de Engenharia, sediado em Curitiba e comandado pelo cel. José Beviláqua, republicano histórico, genro de Benjamim Constante e ex-Deputado à primeira Constituinte Republicana.

Inscrito no concurso mandado abrir no Colégio Militar do Rio, para a formação do corpo docente do Colégio Militar do Ceará, objetivava em Curitiba, onde existiam boas bibliotecas, escrever e fazer imprimir a tese que me levou a Professor Catedrático de Matemática. A falta de capitães, fêz-me ajudante do Batalhão, cargo que me aproximava do Comandante, um coração de ouro e uma grande cultura, em assuntos científicos: era um legítimo produto da velha Escola Militar da Praia Vermelha. Ao cumprimentá-lo, como mandava o R.I.S.G., êle me perguntava "como vai a nossa tese" e passava a conversar sôbre assuntos elevados.

A tarde, havia no quartel um lanche de que, quase sempre, participava um outro republicano histórico, o cel. João de Lima. É óbvio que, para êle, era convidado a ajudante que ouvia atentamente a conversa dos velhos chefes, às vêzes sôbre a propaganda e a instalação da República.

Nos últimos anos do Império, a situação política era caótica, procurando o Partido Conservador monopolizar o Poder e, quando não o tinham nas mãos, pregava a falência do regímen, favorecendo aos poucos propagandistas da República. Vale contar uma ocorrência: O conselheiro Antônio Prado, despeitado porque a Casa Imperial, para se aproximar do Povo, viesse dando prestígio aos Liberais, veiculou a idéia de os seus correligionários unirem-se ao movimento Republicano.

E pregava: "os conservadores devem tomar a peito fazer a transição para a República".

Os antigos senhores de escravos, lesados em seus patrimônios, atribuiam à Princesa Isabel, para se popularizar, a libertação dos negros e entendiam que ela jamais devia chegar a Imperatriz.

O comportamento do Conde D'Eu, homem que não soube conquistar as simpatias dos brasileiros, abrira um hiato entre a Côrte e o Povo, visceralmente monarquista e apegado ao velho Imperador, que, envelhecido precocemente, quedava-se ausente, apático e desinteressado dos destinos da dinastia.

Finda a guerra do Paraguai, procurou o Govêrno transformar a cultura intelectual do Exército, por intermédio da E.M., da Praia Vermelha.

Essa Escola, com um corpo docente integrado por mestres de reconhecido saber, assemelhava-se mais a uma Academia de Ciências do que a uma Escola Militar.

Os bons alunos conheciam melhor História Natural do que História Militar; debatiam temas filosóficos porém desconheciam os princípios da Arte da Guerra que haviam levado Bonaparte e Moltke às suas retumbantes vitórias.

As idéias filosóficas de Augusto Comte, embora sem penetração no meio cultural europeu, foram amplamente aceitas no Brasil. A filosofia positiva dominou o pensamento da mocidade militar brasileira.

Os Comte foram dois: o da Filosofia Positiva e do Catecismo, escrito depois da crise mental que feriu o grande filósofo de Montpelier.

Benjamim Constant, Professor insigne da mocidade militar, adotou o sistema filosófico do grande francês porém não aceitou as idéias consubstanciadas no catecismo; êle foi um adepto da Filosofia Positiva porém não se enquadrou, segundo o seu genro o cel. Beviláqua, na ortodoxia comtista.

Orientado pela Filosofia Positiva, cujo fundador afirmava que:

"O govêrno da França deve ser:

1) republicano e não monárquico,

2) ditatorial e não parlamentar,

3) temporal e não espiritual, mediante uma inteira liberdade de exposição e mesmo discussão."

Benjamim tornou-se republicano e passou a pregar a mudança da forma de Govêrno.

Liderou, com as suas idéias e a sua invulgar inteligência, a mocidade militar que, em mensagem, pediu-lhe:

"Mestre, sêde o nosso guia, em busca da terra da promissão, o solo da liberdade."

Apenas os moços aceitavam as pregações de Benjamim, não figurando, em 1889, entre os oficiais republicanos uma patente mais elevada do que a de Benjamim — Tenente-Coronel. À reunião de 9 de

novembro de 1889, no Clube Militar, poucos majores compareceram, estando o Clube repleto de capitães e oficiais subalternos.

Nessa assembléia, Benjamim recebeu, por proposta do seu futuro genro o alferes - aluno José Beviláqua e, por unanimidade, a incumbência de:

"Apresentar, como bem entendesse, uma solução honrosa ao Exército e à Armada, sôbre os assuntos em pauta."

Para bem desempenhar a missão de que fôra incumbido, Benjamim procurou Quintino; notável jornalista e um dos capitães da propaganda republicana no meio civil.

Combinaram uma ação direta contra o gabinete Ouro Prêto, ação que, se vitoriosa, feriria o prestigio do trono e abalaria o regimen.

Benjamim e Quintino, homens sem vaidade, reconheceram, de pronto, o pouco valor da sua capacidade e eficiência, concluindo que jamais teriam possibilidade de êxito se não contassem com uma personalidade com melhores qualidades de mando e mais altamente colocada.

Era indispensável a cooperação de uma patente elevada para impressionar a tropa, integrada por soldados profissionais, e as massas populares.

Onde encontrá-la?

O insigne Mestre conhecia quase tôda a oficialidade das fôrças armadas e sabia dos seus problemas.

A sua profunda argúcia psicológica vai levar o marechal Deodoro, militar autoritário, vaidoso e de grande renome, irmão de outro marechal de maior prestígio no Exército, a ser, esquecendo os favores recebidos de Pedro II, o instrumento dos republicanos.

Deodoro seria uma cabeça de ponte nos altos escalões do Exército e neutralizaria o seu irmão, marechal Hermes.

Êle estava sem comando; havia regressado de Mato Grosso, terra natal da sua espôsa, D. Marianinha, e receava que Ouro Prêto lhe desse outra função na Côrte.

Foram confidências de D. Marianinha à minha saudosa tia Rosinha, sua vizinha e amiga.

Credenciado pelos civis, propagandistas da República, Benjamim procurou Deodoro convencendo-o a receber em sua residência "alguns civis que poderiam ser úteis para a derrubada de Ouro Prêto".

Apesar de sabê-los republicanos, Deodoro, homem vaidoso, lhes era reconhecido pelos elogios que lhe faziam nos jornais.

A reunião ficou combinada para o dia 12 de novembro, tendo comparecido Rui, Quintino, Lorena, Glicério, Solon e Benjamim, acompanhado do seu futuro genro, José Beviláqua, e um outro republicano.

Chegados à residência do Marechal, e anunciados, foram mandados entrar para uma ampla sala onde esperaram Deodoro, que, ao chegar, convidou-os a tomar assento, sentando-se êle em uma larga cadeira de espaldar.

Ninguém quis iniciar a palestra, ficando todos em silêncio, até quando entrou na sala uma criada que, dirigindo-se ao Marechal, disse: a Sra. manda avisar que o chá está servido.

Deodoro, que se quedava completamente absorto, respondeu: "Diga à Sra. que hoje não quero tomar chá." E, em seguida, percebendo a descortesia que fizera, dirigiu-se aos presentes, perguntando-lhes: "os senhores não querem tomar uma xícara de chá?". Todos agradeceram.

Benjamim, aproveitando o ensejo, disse a Deodoro: "êsses são os amigos que nos poderão auxiliar para pôr as coisas em ordem". E, em seguida, apresentou-os ao Marechal, nominalmente.

Depois de demorada palestra, Deodoro concordou em assumir a chefia do movimento para a derrubada do gabinete, ponderando que Floriano Peixoto, que dispunha da "Tropa", poderia prejudicar a ação.

Com a palavra, Benjamim que havia sido professor de Floriano e era por êle altamente considerado, disse: "deixem o Floriano comigo".

Nessa reunião jamais foi combinada a proclamação da República e nela uma vez Deodoro fêz sentir a sua gratidão ao "velho".

A bondade e a simplicidade de D. Marianinha fizeram-na amiga da minha tia Rosinha e sempre que ela necessitava de qualquer coisa, mandava a sua criada descer à residência da minha tia, cujos filhos eram tratados pela grande dama com a maior ternura.

Conforme me foi contado, o número de visitas ao Marechal aumentou muito depois do dia 10, o que contrariava à sua espôsa, porque êle estava tendo fortíssimas crises de dispnéia.

Na noite de 14 para 15, o Marechal teve fortes crises de dispnéia, havendo, alta noite, a sua espôsa mandado a criada pedir qualquer coisa a minha tia.

Na madrugada de 15, o movimento em casa de Deodoro acordou a família da minha tia. As meninas abriram a janela e viram o Marechal sair fardado e tomar uma carruagem.

Tempo depois notaram movimento de tropas para o lado da Estação Ferroviária e os cinco irmãos foram ver "a parada".

Não ouviram nem ninguém ouviu vivas à República, porque êsses jamais foram dados.

É sabido que, depois da queda do Gabinete o cadete cearense Jaime Benévolo deu um "Viva à República", porém sem qualquer repercussão.

Voltemos à missão de Benjamim, junto a Floriano, depois da reunião em casa de Deodoro.

Ouro Prêto nomeara Floriano Ajudante-General do Exército e tinha como bem acertada a nomeação que fizera, pensando mesmo em elevá-lo a Ministro da Guerra.

Floriano sempre lhe informava que as agitações eram superfi-

ciais e que nada havia a temer, porém, depois do encontro com Benjamim, disse em carta dirigida a Cândido de Oliveira que "se trama algo por aí além".

O que Benjamim combinou com Floriano não se sabe, porém a verdade é que Deodoro, conhecedor da combinação feita, partiu, ao amanhecer de 15 de novembro de 1889, absolutamente tranqüilo para derrubar Ouro Prêto.

Para os integrantes da 2.ª Brigada, entretanto, as dívidas foram atrozes, como relata Euclides da Cunha **in Contrastes e Confrontos págs. 107-108.**

"Na véspera daquele dia, às 10 horas da noite, tôda a 2.ª Brigada, em plena revolta, estava em forma e pronta a marchar. Mas antes de a realizar, sucedeu o fato ilógico e inverossímil de seguir um capitão mandado pelos chefes revolucionários a participar o acontecimento ao próprio Ajudante-General do Exército, ao Marechal Floriano..."

"Atirava aquela cartada arriscadíssima, iludia o temor do adversário, procurando-o, trocava a expectativa do perigo pelo franco. Mas não conseguiu."

Ciente, Floriano determinou a um ordenança "que se desarmasse a brigada sediciosa".

Não prendeu o oficial indisciplinado...

A consulta à esfinge complicara o enigma e a revolta desencadeou-se nesta indecisão angustiosa, para a tropa revoltada, mas não para a chefia do movimento que conhecia o combinado entre Benjamim e Floriano.

Na madrugada de 15 de novembro, o Ministério encontrava-se reunido no Arsenal da Marinha, onde estava garantido. Ouro Prêto, porém, certo da lealdade de Floriano, julgou acertado dirigir-se ao Quartel-General, onde se aquartelava a maior parte da fôrça com que supunha contar.

Ao romper do dia, ali estava quase todo o Gabinete. Vieram entregar-se na "cova dos leões".

Benjamim, ciente de que a 2.ª Brigada estava em pé-de-guerra, pronta para sublevar-se, manda o seu irmão major Marciano buscar a Escola Militar e, com um sobretudo sôbre a farda e o boné embrulhado, tomou um carro para São Cristóvão onde, como oficial mais graduado, assumiu o comando da tropa sublevada, mandando certificar a Deodoro do que estava ocorrendo.

O Marechal, ciente das ocorrências, tomou um carro para São Cristóvão encontrando, em frente ao Gasômetro do Mangue, a tropa rebelada, que dêle recebeu ordem para seguir para o Campo de Santana.

Deodoro acompanhou a tropa à sua retaguarda.

Na entrada do Campo de Santana, pela Rua Visconde de Inhaúma, montou a cavalo, auxiliado pelo seu irmão Pedro Paulino, devido ao seu precário estado de saúde e assumiu o comando da tropa man-

dando o tenente-coronel Silva Teles intimar, em seu nome, o gabinete a render-se.

Admitido na sala onde se encontrava Ouro Prêto, o emissário fêz a intimação de que fôra incumbido.

Ouro Prêto ordenou a Floriano a prisão do oficial rebelde porém Floriano, fiel ao que acertara com Benjamim, não cumpriu a ordem.

Diante da atitude de Floriano, Ouro Prêto dirigiu um telegrama ao Imperador, solicitando a exoneração do Gabinete.

Deodoro, que assumira o comando da tropa e certo da cooperação de Floriano, investe o Quartel e ordena que o portão principal seja aberto, o que foi feito, depois de uma pequena hesitação.

O marechal entra; é recebido cordialmente e brada "Viva o Imperador". Viva, que está perpetuado em bronze, no atêrro da Glória.

Apeia-se, encontra Floriano, subindo com êle ao 1.º andar, onde, dirigindo-se a Ouro Prêto disse: "V. Exa. e os seus colegas estão demitidos". E sacando um papel do bôlso disse: "Aqui tenho o Ministério que vou apresentar a Sua Majestade o Imperador".

Conheço essas minúcias porque o então alferes — aluno José Beviláqua acompanhou a Benjamim Constant, seu futuro sogro, em tôdas essas ocorrências.

Derrubado o gabinete, Deodoro regressou à sua residência, prêso de forte dispnéia.

Cêrca das dez horas, D. Marianinha mandou a sua empregada pedir qualquer coisa à sua vizinha, tendo essa ordenado que minha prima Ortência fôsse pedir notícias do marechal.

E o desfile pelas ruas da cidade encabeçado por Deodoro? Não passa de uma fantasia.

A tarde e à noite de 15 de novembro, segundo as suas vizinhas, houve desusado movimento em casa de Deodoro.

Ao anoitecer, Patrocínio esquecido dos louvores tecidos à família imperial, veio à frente de uns vereadores e de alguns populares à casa de Deodoro.

Houve discursos e êle pediu a proclamação da República.

Foram recebidos por Benjamim que fêz ciente de que o marechal, acamado, não podia recebê-los.

Ao anoitecer de 15 de novembro, os republicanos, diante da inércia do Govêrno, viram que era viável a implantação da República, antes da morte de Pedro II e convidaram Benjamim para chefe do govêrno. Êle, porém, certo de que não tinha bastante prestígio nos altos escalões militares, recusou a oferta e insistiu na catequese de Deodoro que era um narcisista, autoritário e vaidoso, virtudes negativas que fizeram o ex-pupilo de Pedro II assumir, na noite de 15 de novembro, a posição que lhe era insistentemente oferecida, concordando com a queda do trono ocupado pelo benfeitor da sua família.

Parece que a notícia falsa do convite a Silveira Martins, para

organizar o nôvo gabinete, contribuiu, fortemente, para que Deodoro concordasse na derrubada da Monarquia e na aceitação da chefia do Govêrno Republicano.

No dia 16 de novembro, os vizinhos e amigos do casal do marechal Deodoro souberam que o Imperador havia sido deposto e que o Brasil era uma República tendo como chefe do govêrno Deodoro.

Que se passava do outro lado?

Em Petrópolis, o Imperador é despertado pela madrugada para abrir o telegrama que Ouro Prêto passara do Arsenal de Marinha dizendo: "O govêrno toma as providências para conter os insubordinados..." O que fêz Pedro II ficar perplexo acalmando-se porém, logo depois.

Seguiram-se horas de grandes ansiedades por novas informações que sòmente chegaram às dez horas, ao serem recebidos dois telegramas, um dêles chamando o Imperador à Côrte. No Rio, a Princesa Isabel não foi avisada do que se passava e soube de algo, ao ter conhecimento da vinda do seu pai, indo esperá-lo.

Chegados ao Paço, viram que êle estava guardado por tropa fiel ao Império, que foi rendida à tarde por uma outra fiel ao regímen.

O Imperador, apesar do ocorrido, queda apático e inativo; não tomando qualquer iniciativa para contornar ou enfrentar a situação e não aceita a sugestão de um entendimento com Deodoro, insistindo na conservação do gabinete.

Depois de reiteradas ponderações do Conde D'Eu e dos presentes, resolveu formar um nôvo gabinete e pensa, erradamente, em convidar Gaspar Silveira Martins, um desafeto de Deodoro, para chefiá-lo.

Não tinha conhecimento da fôrça de que dispunha o marechal.

A noite, desiste de convidar Silveira Martins e pensa tardiamente no conselheiro Saraiva, mandando um emissário, o futuro marechal Trompowisky, consultar Deodoro.

O major Trompowisky chegou à residência de Deodoro, cêrca de duas horas da madrugada de 16 de novembro, encontrando a porta aberta, a sala da frente iluminada, tudo vigiado por sentinelas de uma numerosa guarda.

Foi facultada a entrada do emissário, vindo D. Marianinha recebê-lo. Dadas as explicações, foi permitida a entrada do emissário no quarto onde o marechal estava acamado.

Deodoro respondeu que a República estava proclamada; determinou, depois de ouvir o emissário, que êle desse à família Imperial conhecimento disso, acrescentando:

"Os culpados por isso são o Ouro Prêto e o Conde D'Eu".

De volta, Trompowisky informou que Deodoro se considerava irrevogàvelmente Presidente da República e estava empolgado pelo cargo.

Se o Imperador tivesse agido com presteza para a formação de nôvo Gabinete, o advento da República teria demorado alguns anos. Deodoro, durante o dia 15 de novembro, contentar-se-ia com a Pasta da Guerra.

E se houvesse sido convidado para a chefia do Gabinete? Certamente aceitaria, para servir ao "velho" de quem era amigo dedicado.

Vale recordar que o marechal Hermes da Fonseca, irmão de Deodoro, convidou o Imperador a resistir, o que fêz Deodoro dizer depois:

"Eu sou republicano desde a noite de 15 de novembro porém o Hermes é do dia 16..."

A inércia dos últimos dirigentes do Império levou-o ao fim, porém, sem Deodoro, a República não teria sido implantada sem luta sangrenta.

Com Floriano, o marechal Hermes, Comandante das Armas na Bahia, teria resistido e, provàvelmente, outros detentores de Altos Comandos o acompanhariam.